



## Pt e Lulismo: SINUCA DE BICO

*Edmundo Lima de Arruda Junior*

*UFSC/CESUSC*

Não há dúvidas sobre o lugar histórico de Lula na história republicana brasileira. Ao lado de Vargas e Juscelino Lula deixa a marca de estadista.

Vargas fundando as bases para o projeto de modernidade nacional, na medida em que fomenta e enquadra os dois agentes urbano-industriais do novo desenvolvimento, as duas classes tradicionais, a trabalhadora e “a burguesa” no sentido de nova centralidade hegemônica, a qual paulatinamente substitui o poder de mando das oligarquias rurais dominantes até a década de 30.

Juscelino colocando o Brasil num caminho de inserção no mercado internacional, quando do esgotamento do modelo econômico da “substituição das importações” e do seu suporte político, o “pacto populista”, bem estudados por Weffort e Ianni.

Lula definindo de maneira inequívoca a emergência do Brasil como potência e liderança na América Latina, sem contar o seu papel de relevância crescente na esfera internacional, lócus vital e privilegiado nas trocas com os outros emergentes do BRIC, China com ênfase.

Essa constatação não é minha, mas de analistas insuspeitos não petistas, brasileiros e estrangeiros. Justamente por causa dessa condição de um dos três maiores presidentes brasileiros, é que temos que registrar possíveis diagnósticos, descortinando horizontes para novas políticas. Não me alinho aos novos chauvinistas, nem aos que odeiam visceralmente tudo que advém do governo Lula. Nos últimos trinta anos sempre estive nas lutas petistas, embora me reservando ao papel de crítico. A começar por um ponto sobre o qual não nos aprofundaremos, mas tomamos como fulcral, o movimento econômico dentro do qual Lula se insere, não obstante as reiteradas negações, no corte neoliberal. Em termos sociológicos podemos superficialmente indicar o seguinte sobre as alianças de Lula que enriquecem o LULISMO e enfraquecem o PT, levando seus militantes a alimentar-se daquele, em razão do aumento do Estado, com força neste ano pré-eleitoral de 2010.



A emergência e o desenvolvimento do Lulismo derivam não apenas das articulações (políticas ou/e pessoais) do PT/Lula/Movimentos sociais (políticas sociais), mas da economia, da defesa e realização dos interesses de classes (ou frações de classes) dos industriais, dos banqueiros e do agronegócio. São essas classes que permitam ao Lula sustentar suas políticas econômicas e industriais (que são praticamente as mesmas que as do FHC); são elas que lhe permitam realizar articulações internacionais (clima econômico brasileiro favorável ao capital internacional; conversão da dívida externa em dívida interna, abertura de mercados internacionais etc.); são elas que lhe permitam obter PAZ política e econômica interna (viver sem ameaças e ataques especulativos, obtenção de reservas etc.), paz que lhe deu condições para desenvolver SIMULTANEAMENTE políticas sociais (bolsas e outros quesitos) e econômicas (especialmente empréstimos de bilhões de reais com taxas de juros inéditas no mundo de hoje pelo BNDES aos grupos nacionais e internacionais, sabendo-se que o BNDES tem mais recursos que o Banco Mundial!). Numa palavra, o Lulismo existe porque Lula foi capaz de atender ANTES DE MAIS aos interesses das principais frações de Capital e atender também (com migalhas, e falo em termos comparativos com recursos transferidos às diversas frações de capitais via BNDES) ao “povão”. Isso lhe permitiu atingir um “ibope” inédito.

Algumas questões são preocupantes à luz da nossa tradição ornitorrítica, vale dizer, de mesclar progresso com arcaísmo, e vice-versa... uma delas diz respeito à maneira radicalmente presidencialista de indicar, como vontade sua, a herdeira, Dilma Rousseff. No congresso do PT ela foi referendada mais como um AMÉM à vontade do líder máximo que como um resultado de discussão dos delegados.

Isso num contexto no qual Lula tem legitimidade que o alça ao patamar de ATOR POLÍTICO acima do PT, legitimidade conquistada por sua capacidade de ampliar alianças (até com abraços no diabo, para alguns mais cáusticos...) tanto para chegar ao poder, evitando a quarta derrota, como para se reeleger. Isso se repete agora, com o “direito” de Michel Temer (PMDB) ser o candidato a vice-presidente. Lula é quem decide, ninguém mais.

O culto a personalidade tradicional em Vargas “pai do povo e da burguesia nacional”, e em Juscelino o “homem do desenvolvimentismo do capital nacional-associado”, não se encontra eliminado, mas metamorfoseado na leitura dos estrategistas da “governabilidade de esquerda”.



O paradoxo do PT em face a esse desbordamento de LULA além do Partido parece insolúvel, na medida em que o PT se institucionaliza e se torna uma nomenclatura, abandonando, por evidente, a sua vocação pré-poder, de organização dos movimentos sociais, velhos e novos. Essa burocracia não é corrupta por essência, e tem compromissos com boa parte das políticas sociais de grande impacto dos governos LULA. Mas ela se encontra dependente do Estado por um conjunto de mecanismos distributivos (empregos, verbas, tráfico de influências, etc). O imposto sindical agora passa a ser uma fonte direta de financiamento jamais visto em nossa história (leia-se, de controle) dos sindicatos. O bolsa-família, eticamente inquestionável, pois necessário em face à fome e do nosso déficit de modernidade, deve ser questionado em suas conseqüências em termos da tradição clientelista que reconstrói novas formas de cabrestos eleitorais.

Desta forma, o possível fim do PT, ao menos do que se pode considerar do PT-partido, e não PT-parte do governo, é uma possibilidade na exata medida em que, distanciando-se dos movimentos sociais, e mesmo absorvendo-os nas hostes do estado, aposta na vontade de um líder máximo, alimentando o nefasto culto à personalidade (aposta na dominação carismática), cujos efeitos são conhecidos na medida em que não logram fortalecer institucionalmente a democracia, pois não evidencia a dominância da Lei, mas no limite, dos dotes do líder. O fascínio por Chávez e pelo bolivarianismo como novo paradigma de socialismo para o século XXI expressa não um infantilismo doentio de certa esquerda ainda marcada pela sedução da “guerra de movimento”. Indica a presença de uma cultura autoritária no seio dos que se representam como de “esquerda” e um certo pragmatismo duvidável em termos de relações internacionais, cujos micos começam a se acumular.

José Dirceu foi o delegado reeleito mais aplaudido no Congresso do PT/2010, depois de Lula e Dilma. Alguns acreditam que Dilma seguirá um caminho à esquerda de Lula, doce ilusão de vanguardas absolutamente desprovidas de retaguardas no plano das ações políticas nos movimentos sociais, que ainda existem e se encontram carentes de novos sentidos utópicos e de novas lideranças representativas, bem como no plano das reflexões acadêmicas, na medida em que também no nível do movimento intelectual o lulismo se fez presente cooptando uma elite um tanto cansada após o colapso dos socialismos reais e do enorme poder do mercado mundial sob égide neoliberal, e de alguma maneira contempladas em algum dos projetos sociais de Lula. Estranhamente o LULISMO flerta com a militância de “esquerda” e avaliza um modelo liberal inviável na medida em que cativo na esfera financeira do Capital. A candidatura de Marina, se por um lado representa para



setores mais radicais lulistas, uma ingenuidade em face da *realpolitik*, guarda legitimidade e aponta para a necessidade de termos espaços para pensar uma sociedade além do liberalismo na sua contingência capitalista. Afinal, os avanços sociais do período LULISTA não devem obliterar o avanço de pensamentos e ações que permitam uma nova relação homem/natureza, e da utopia em última instância. Nesse sentido, da mesma maneira que Vargas e Juscelino contribuíram para a mudança do perfil do desenvolvimento nacional em relação ao passado tradicional, também o LULISMO tenderá a ser necessariamente superado, como condição de afirmação democrática no sentido de dominância racional-legal, base da república que se apresenta e que se queira democrática.

Talvez ai haja espaço para o renascimento do PT, mas preocupado com os movimentos sociais, sem desprezo pela governabilidade que ajudou a construir, mas consciente da necessidade de superação de todas as formas arcaicas de dominação na esfera pública, entre elas, o culto à personalidade, por demais conhecido tanto nos experimentos totalitários de esquerda e de direita no século XX.

O paradoxo é insolúvel. Lula se fez no PT dos sindicatos do ABC e o PT cresceu com o incrível desenvolvimento de LULA. Esses crescimentos produziram o LULISMO, que subordina tanto LULA quanto o PT. O problema é que o LULISMO depende de uma máquina burocrática que tende a crescer na exata medida do incremento das fontes de legitimidade popular de LULA (ampliação e extensão de políticas sociais), e essa nomenclatura já não mais tem energias para estar junto com os movimentos sociais, classistas, trans-classistas e supra-classistas. Desta forma um círculo vicioso se estabelece. LULA, que não é de esquerda (nem deveria sê-lo) dá uma direção ao conjunto de delegados do PT que se julgam de esquerda, e apóiam a grande frente governamental irmanados com o PMDB, embora sonhando, pós-eleições, com uma aproximação natural com os irmãos do PSDB . Um anúncio de uma necessária traição histórica, na exata medida em que o PT enquanto partido e parte da máquina estatal, vai se tornando pouco a pouco um PMDB, de quem aprendeu também o fisiologismo e a capacidade locacional em termos eleitorais.

O paradoxo nos conduz a um dilema, LULISMO ou PETISMO? E COMO SERÁ O PT SEM LULA, OU PIOR, QUAL SERÁ O DESTINO DO LULISMO SEM LULA?